

## MARCAS IDENTITÁRIAS DO SUJEITO NEGRO PELO VIÉS PÓS-COLONIAL NA OBRA *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*, DE PAULINA CHIZIANE

Oliveira Miguel Antônio de Souza Júnior <sup>1</sup>

### RESUMO

A colonização provocou mudanças profundas nos sujeitos colonizados, ao ponto de neles despertar o sentimento da perda progressiva de suas identidades. Uma vez que, apenas a cultura do colonizador, tida como civilizada, a sua língua, suas crenças e costumes eram permitidos. E a tentativa de embranquecer de alguma forma, seja com um casamento com o branco ou servindo ao império contra a sua própria etnia, reflete na problemática - império e colônia-, como sendo alternativas de uma possível ascensão social. É praticamente impossível pensar nos estudos pós-coloniais e não aludir à importância que a história da oralidade (tradição oral) e memória tem para a tradição africana. Questões comumente a gênero, classe e raça, também constituem o panorama da formação das identidades ocidentais. Por esta razão, buscou-se investigar neste trabalho, as marcas identitárias do sujeito negro pelo viés pós-colonial na obra *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, para isso, foi feita a análise da obra referida acima, e também o estudo de trabalhos acadêmicos e pesquisas desenvolvidas por estudiosos da área, que apresentam objetivos próximos, para fundamentar a construção deste estudo. Durante a análise observou-se que esse romance traz em sua construção, a presença da tradição oral marcada nos momentos em que as personagens buscam por soluções para situações que causam desconforto coletivo ou quando tentam explicar a origem das coisas. E também apresentam personagens que adotam o pensamento do colonizador e de certo modo, tentam apagar sua própria identidade na tentativa de ascender socialmente.

**Palavras-chave:** Pós-colonial, Identidade, Sujeito negro, Tradição oral.

### INTRODUÇÃO

A história e a memória de povos africanos permanecem vivas em nossa cultura ocidental. Elas, se presentificam em diversos espaços sociais, como partes integrantes da formação da identidade de uma nação, se manifestam na oralidade por meio das lendas, mitos e na literatura. E ela (a história), “enquanto narrativa, opera de forma permanente com representações. São essas que, em princípio, governam a sociedade” (MONTENEGRO, 2010, p.35).

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação Profissional em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas, da Universidade de Pernambuco - UPE – Campus Garanhuns. E-mail: oliveira.miguel@upe.br.



E, ao que concerne a tradição africana, é coerente pensar na ligação entre ela e a oralidade. Ou seja, à história africana,

Referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos (HAMPÂTÉ BÂ 2010, p.167).

Hampâté Bâ acredita que, os conhecimentos transmitidos de gerações à gerações ainda permanecem vivos na memória dos povos, sendo esse conhecimento uma herança que reside, principalmente no inconsciente de indivíduos, chamados por ele de a “última geração de grandes depositários” e que são a memória viva do seio da mãe África.

A história da África está muito centrada na palavra e em seu uso. Naquilo que é pautado e constitui o diálogo e a comunicação. Na cultura Africana, a palavra tem um forte poder de ação e, aquilo que é dito é capaz de definir o destino, presente e futuro, assim como a vida e a morte de um homem. “É capaz de criar a paz, assim como pode destruí-la. É como fogo. Uma única palavra imprudente pode desencadear uma guerra, do mesmo modo que um graveto em chamas pode provocar um grande incêndio” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p.173).

Bâ, acredita que a tradição africana confere a fala poderes místicos, atuando como um instrumento de força, uma bênção. É um presente dado ao homem, um dom de Deus. “Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente e sagrada, no sentido ascendente” (2010, p.172).

Nas tradições africanas- pelo menos nas que eu conheço e que dizem respeito a toda a região da Savana ao Sul do Saara-, a palavra se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p.169).

A fala, como acredita Montenegro (2010), é um forte mecanismo decisivo para a existência e permanência de grupos sociais. E se torna mais decisivo para as populações que vivem à margem e radicalização da pobreza e do ‘não ter’.

Aprender, apreender, apropriar-se de um saber que estabelece direitos: a capacidade de articular o ato de pensar à fala, desenvolvendo argumentos em torno de um saber que muitas vezes é cerceado às camadas populares, exige um longo processo de socialização (MONTENEGRO, 2010, p.38).

O papel da fala se torna decisivo para o desenvolvimento de indivíduos que pertencem a grupos sociais menos privilegiados como um forte mecanismo de ascensão. A partir de quando se tem conhecimento, é possível se posicionar com clareza diante das situações e exercer direitos que lhes foram negados.

Para Duarte (2012, p.182), “nas sociedades tradicionais africanas as narrativas orais configuram os pilares onde se apoiam os valores e as crenças transmitidas pela tradição e, simultaneamente, previnem as inversões éticas e o desrespeito ao legado ancestral da cultura”.

Contudo, os povos africanos que foram colonizados tiveram uma forte tentativa de silenciamento de suas culturas, costumes e crenças. O colonizador chega e impõe sua cultura de tal maneira que muitas vezes provocou a perda da identidade em uma grande quantidade de indivíduos. A sensação de não saber mais quem é, quem se tornou, já que permanecer vivenciando sua origem é “errado” e só o que é apresentado pelo colonizador é entendido como certo. É possível perceber essa crise de identidade na fala da personagem Maria das Dores, a seguir, da obra *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, que será analisada posteriormente,

Quem sou eu? Uma estátua de barro, no meio da chuva. Odeio as roupas que me limitam o voo. Odeio as paredes das casas que não me deixam escutar a música do vento. Eu sou a Maria das Dores. Aquela que desafia a vida e a morte a busca do seu tesouro. Eu sou a Maria das Dores, e sei que o choro de uma mulher tem a força de uma nascente. Sei com quantos passos de mulher se percorre o perímetro do mundo. Com quantas dores se faz uma vida, com quantos espinhos se faz uma ferida. Mas não tenho nome. Nem sombra. Nem existência. Sou uma borboleta incolor, disforme. Das palavras conheço as injúrias, e dos gestos, as agressões. Tenho o coração quebrado. O silêncio e a solidão me habitam. Eu sou a Maria das Dores, aquela que ninguém vê (CHIZIANE, 2018, p. 13-14).

Essa perda da identidade vem alicerçada em prerrogativas pós-coloniais, explicadas por Hall (2003) como “processo inteiro de expansão, exploração, conquista, colonização e hegemonia imperial”. Com isso, muitos sujeitos pós-coloniais apresentam essas características de não saber quem de fato são, de se sentirem sempre a margem da sociedade, como se não pertencessem a ela, quase como se existir fosse um erro.

Neste estudo, busca-se identificar características do sujeito negro pós-colonial na obra *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane. Uma vez que esse romance traz em sua construção, a presença da tradição oral marcada nos momentos em que as personagens buscam por soluções para situações que causam desconforto coletivo ou quando tentam explicar a origem das coisas. E também apresentam personagens que adotam o pensamento do colonizador e de certo modo, tentam apagar a sua própria identidade na tentativa de ascensão social.

### **Conhecendo um pouco da obra**



A obra *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, publicada pela primeira vez em 2008, apresenta a história de Delfina, mulher negra que traz consigo um forte desejo de liberdade, que sonha com uma vida melhor, mas tem esse sonho sempre sufocado. O romance inicia com Maria das Dores, filha de Delfina, que após vários anos caminhando sozinha, à procura de seus três filhos, para próximo da Vila Gurué, no rio Licungo, e descansa. Toma banho nua, o que acaba provocando inquietação e revolta nos moradores da vila, que chegam a apedrejá-la e amaldiçoá-la, porque para eles, ela desafiou os costumes locais.

Um grupo de mulheres procura a personagem denominada como ‘mulher do régulo’ para serem aconselhadas sobre o que fazer e após conversarem, a mulher do régulo consegue convencê-las que não há mal nenhum na atitude de Maria das Dores e que a vila não sofrerá nenhum castigo pelo feito. Posteriormente, Maria das Dores continua na vila, caminhando solitária pelas ruas sem imaginar que encontraria seus filhos: Benedito, Fernando e Rosinha naquele lugar, que há trinta anos foram resgatados e criados por uma freira.

Logo em seguida, a história se volta à trajetória de Delfina e assim conhecemos os conflitos que a personagem vive. Ela sonha em viver uma vida mais confortável e acredita que o fato de ser negra seja o principal fator que atrapalha a sua ascensão. Fica dividida entre o amor que sente por José dos Montes, homem negro, com quem teve dois filhos e a ideia de que um homem branco lhe trará a vida tão almejada, com boa alimentação e conforto. Com a ajuda de um feiticeiro que também era seu gigolô, Delfina consegue casar com Soares, homem branco, com quem teve dois filhos mulatos.

Com o passar do tempo, Soares percebe grandes mudanças no comportamento de Delfina, ela não é mais a mulher simples por quem ele se apaixonou e acaba a abandonando. Com isso, a personagem tem sua vida financeira devastada, começa a tratar os filhos negros muito mal, chegando a vender a virgindade de Maria das Dores, na época com treze anos, para o feiticeiro Simba. Maria das Dores não suporta tanto sofrimento e foge da casa de Simba, trazendo com ela seus três filhos que acabam sendo criados por uma freira. Delfina se envolve com a prostituição novamente, mas agora sendo exploradora de sexualidade infantil.

No final da obra, José dos Montes e os filhos acabam se aproximando de Delfina e a perdoam, demonstrando o quanto a família é considerada pelos africanos como uma instituição importante. Maria das Dores reata com Simba. Este encontra seu filho que se tornou padre, nas proximidades do monte Namuli, monte este entendido nesta obra de Chiziane como um lugar simbólico que tem ligação com o início da humanidade e também lugar para onde todos retornam.

## METODOLOGIA

Buscou-se investigar neste trabalho, as marcas identitárias do sujeito negro pelo viés pós-colonial na obra *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane.

Para a construção deste estudo foi utilizada a pesquisa qualitativa, pois segundo Creswel (2010, p. 43) é considerada “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano em um determinado tempo” e do tipo bibliográfica. E também analisando trabalhos acadêmicos e pesquisas desenvolvidas por estudiosos da área, que apresentam objetivos próximos, para fundamentar a construção deste estudo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Em *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane são encontrados vestígios da tradição oral em suas personagens. No início da obra, Maria das Dores é vista tomando banho nua no rio Licungo e isso provoca um grande mal estar nos moradores da Vila Gurué, pois os eles acreditam que aquele ato trará consequências muito ruins para todos.

Imaginavam as plantas secar e a chuva a cair e arrasar todas as sementes. O gado minguar. Os galos esterilizar, as galinhas a não chocar nem ovos nem pintos. Aquela presença era o prenúncio do desaparecimento da espécie dos galináceos. Nas curvas da mulher nua, mensagens de desespero (CHIZIANE, 2018, p.08).

Nesse momento, percebe-se que os mitos e crenças se tornam determinantes no comportamento dos indivíduos e por meio deles, tenta-se justificar todas as situações vividas.

Na tentativa de solucionar aquele problema que tinha surgido, uma quantidade significativa de mulheres vai até a casa do régulo para ouvir a orientação dele. Uma vez que o régulo é reconhecido por todos naquele contexto como se fosse uma espécie de ‘Doma’, um conhecedor total da tradição. Segundo Hampâté Bâ,

“Em bambara, chamam-nos de Doma ou Soma, os “Conhecedores”, ou Donikeba, “fazedores de conhecimento”; (...) Podem ser Mestres iniciados (e iniciadores) de um ramo tradicional específico (iniciações do ferreiro, do tecelão, do caçador, do pescador, etc.) ou possuir o conhecimento total da tradição em todos os seus aspectos. (...) Os grandes Doma, os de conhecimento total, eram conhecidos e venerados, e as pessoas vinham de longe para recorrer ao seu conhecimento e à sua sabedoria” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p.175).

Contudo, ao chegarem na casa do régulo ficam sabendo que ele não está e a mulher do régulo vem conversar com as mulheres. A figura da mulher do régulo, na narrativa, representa

a força e permanência dos valores acercados pela oralidade. Ela permite que, ensinamentos e crenças de sua cultura africana sejam mantidos como forma de permanência na vida dos sujeitos envolvidos em determinados contextos.

Para ilustrar a força e poder que a figura da mulher do régulo representa, assim como a sua voz, toma-se como exemplo o trecho abaixo, que é um momento em que, Maria das Dores, personagem importante na narrativa, está a se banhar num rio e, é perseguida e rechaçada pelas mulheres da comunidade. E revoltadas com a cena de exposição de Das Dores, que atrai os olhares de todos, inclusive de seus respectivos maridos, decidem pedir orientações à velha e sábia mulher do régulo.

- Disse chamar-se Maria – explica uma das mulheres.

-Será mesmo esse o seu nome?- pergunta a mulher do régulo. Toda Maria tem outro nome, porque Maria não é nome, é sinônimo de mulher. Mas digam-me: como era ela?

-Ela tem forma de gente, mas não é gente. Parecia anjo do mal. Mensageira das desgraças. Parecia fantasma, um ser de outro mundo – diz uma.

-Ela trazia nas asas os ventos das marés bravas – dizia a outra

A mulher do régulo reconhece rapidamente as razões da zanga coletiva e responde com um arco-íris. Histórias de vida soltam-se dos arquivos da memória como files de um computador. Cada um tem o seu percurso, cada um tem a sua história. A presença dessa alma penada tinha uma razão óbvia. O mundo está às avessas, devasso. A humanidade é expulsa a uma velocidade assustadora, e as pessoas tornavam selvagens, canibais.

- Calma, criaturas. Não houve presságio nenhum na guerra que foi, mas morreu gente. Não houve anúncio na seca que findou, mas houve tormenta. Não houve profecias misteriosas antes da praga de gafanhotos que dizimou campos e nos matou de fome.

A voz da mulher era chuva fresca. Tinha o poder de serenar multidões. Era o poder das ondas mansas embalando as embarcações na valsa da brisa.

[...] A multidão começa arrepender-se (CHIZIANE, 2018, p. 15-16).

Nas sociedades de culturas tradicionais africanas, mesmo tendo sofrido pelo processo da colonização, têm os seus valores, crenças místicas e religiosas de seus ancestrais passadas entre as gerações e, “ao mesmo tempo em que previnem as inversões morais e o desrespeito ao legado histórico da própria cultura” (BINJA, 2020, p. 01).

Em sua obra *Síntese da Coleção História Geral da África: século XVI ao XX* (2013), Valter Robério Silvério, afirma que a história da África jamais viveu tantas mudanças e transformações “quanto o período de 1880 e 1935 e que, até 1880, apenas parte da África era governada diretamente por europeus”.

Mas em 1914, com a única exceção da Etiópia e da Libéria, a África inteira viu-se dividida em colônias e submetida à dominação de potências europeias. Em outras palavras, no período de 1880 a 1935, a África teve de enfrentar um desafio particularmente ameaçador: o desafio do colonialismo (SILVÉRIO, 2013, p.340).



A predominância do colonialismo trouxe consigo uma avalanche de mudanças nas relações entre indivíduos e, entre elas assegurou o poder e a soberania de um grupo sobre o outro, centralizando o poder de um lado, criando rupturas, crises de identidades e demarcando espaços de poder.

Albert Memmi (2007), acredita que, no processo de colonização, ao sujeito colonizado é negado o direito de desfrutar de sua nacionalidade, assim como também da do colonizador. Ele praticamente não poderá contar ou reivindicar nem a sua e, menos ainda a do outro. Sua identidade é forçada ao apagamento.

*E uma vez que não tem seu justo lugar na cidade, que não goza dos direitos do cidadão moderno, que não está submetido a seus deveres comuns, não pode se sentir um verdadeiro cidadão. Depois da colonização, o colonizado praticamente jamais vive as experiências da nacionalidade e da cidadania, a não ser privadamente: nacionalmente, civicamente, ele é apenas aquilo que o colonizador não é (MEMMI, 2007, p.137).*

No caso do romance de Chiziane, aqui analisado, o processo da colonização é responsável pela (de)formação do caráter de personagens como Delfina, que não sente remorso dos atos cruéis e violentos a que submete seus filhos de pele mais escura, incluindo Maria das Dores ou mesmo na seletividade entre seus envolvimento amorosos com brancos e negros.

*Sou das que hibernam de dia, para cantar com os morcegos a sinfonia da noite, sou feiticeira. Tive todos os homens do mundo. Dois maridos, muitos amantes, quatro filhos, um prostíbulo, muito dinheiro. O José, teu pai negro, foi a instituição conjugal com que me firmei aos olhos da sociedade. O Soares (o europeu), teu padrasto branco, foi a minha instituição financeira. O Simba, esse belo negro, foi a minha instituição sexual, o meu outro eu de grandezas imaginárias, que me deixou para ser teu marido (CHIZIANE, 2018, p. 40).*

Delfina vê o problema da coloração da pele e passa a utilizar esse argumento do “embranquecimento” como desculpa para algumas de suas ações. Esta personagem é o reflexo do que se pode chamar de sujeito pós-colonial, tendo em vista que a forma como ela é construída reflete na crise da identidade.

*Os filhos negros representam o mundo antigo. O conhecido. São o meu passado e o meu presente. Sou eu. E eu já não quero ser eu. Os filhos mulatos são o fascínio pelo novo. Instrumentos para abrir as portas do mundo. A Zambézia ainda é virgem, não tem raça. Por isso é preciso criar seres humanos à altura das necessidades do momento (CHIZIANE, 2018, p.228).*

Segundo Memmi (2007, p 161 ), “o colonizado, não existe de acordo com o mito do colonialista, mas é, de todo modo, reconhecível. Ser oprimido, ele é fatalmente um ser de carência”). E Delfina, é o fruto do colonialismo. Ambiciosa e oprimida pela carência de sua própria existência, não faz parte do que deseja ser e rejeita o que é.



Delfina comparava os dois maridos. O Soares falava das coisas do mar, dos barcos, das festas e das grandes cidades, coisas belas que a fazia sonhar. José falava-lhe de chicote, de acampamentos e de plantações. Coisas tristes que a fazia chorar.

[...]

Entre sorrisos e abraços, Delfina e Soares namoram e fazem as suas juras de amor.

-Soares, gostas de mim?

-Adoro-te, minha preta (CHIZIANE, 2018, p.223).

E mais uma vez a coloração da pele, retorna, mais significativa e violenta do que antes à mente de Delfina.

Minha preta, negrinha. Uma expressão ofensiva, humilhante, redutora. Porque já tinha ultrapassado as fronteiras de uma negra. Ela já tinha um homem branco e filhos mulatos. Ela já falava bem o português e tinha a pele clareada pelos cremes e cabeleira postiça. Sou preta sim, só na pele. Já sou mais do que uma preta, casei com branco

-Eu não sou preta, Soares, sou?

-Então, não és?

-Já sou quase uma branca, com cremes que uso. Vivo como os brancos, como comida de brancos e já falo o bom português (CHIZIANE, 2018, p.223).

A maneira como a personagem Delfina se comporta reflete a visão deformada do pensamento pós-colonial, ao que Hall, trata como “uma questão de ordem de identidade e sujeito, em um mundo fora do sujeito’, ou seja, não explicável” (2003, p.122).

No estudo intitulado *O pós-colonialismo em O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane: *pontos convergentes* (MENDES; CIARLINE, 2014, p.18), afirma-se que, “Paulina Chiziane parece invocar no narrador uma voz bem incisiva que demonstra, por meio de sugestões simbólicas, a problemática da relação império e colônia”. O que resulta num novo tipo de sujeito que se encontra sempre em crise de identidade, em um complexo entrelace de identidades.

Uma outra personagem marcante em *O alegre canto da perdiz*, é José dos Montes, descrito na obra como um belo negro que era cortejado por muitas mulheres. Mas após ser preso e conseguir sair da prisão, conhece Delfina e se apaixona por ela. Ele procura seu amigo Moyo para conversar e é alertado pelo amigo que aquela mulher será a perdição dele, contudo ele não acredita e chega a se casar com ela. Delfina convence José dos Montes a ser assimilado (servir as leis do colonizador) para dar a ela uma vida confortável. Em uma conversa com Delfina, os dois discutem sobre o que é colonizar:

Colonizar é fechar todas as portas e deixar apenas uma. A assimilação era o único caminho para a sobrevivência [...] Quem não se ajoelha perante o poder do império não poderá ascender ao estatuto de cidadão. Se não conhece as palavras da nova fala jamais se poderá afirmar. Vamos, jura por tudo que não dirás mais uma palavra nessa língua bárbara. Jura, renuncia, mata tudo, para nasceres outra vez. Mata a tua língua, a tua tribo, a tua crença. Vamos, queima os teus amuletos, os velhos altares e os velhos espíritos pagãos (CHIZIANE, 2018, p. 114).





Com um tempo, ele acaba aceitando e se torna um Sipaio (Soldado negro das colônias portuguesas que age contra sua própria etnia para defender o império), tornando-se conhecido por sua crueldade.

O seu povo e ele ficaram num frente a frente em vários combates. José se esmerou. Comandou. E arrasou. Na carreira do crime fez a sua entrada triunfal. Está no topo da pirâmide. Cumpriu os mandamentos do regime com a maior eficiência do mundo. Torturou. Massacrôu. Prendeu e acorrentou muitos m'zambezi para as plantações. Meteu muitos nos navios da deportação. Depois veio o equilíbrio. O gozo. A imensidão. O mundo era finalmente seu. (CHIZIANE, 2018, p. 129).

Entretanto, mesmo com todo o esforço de José dos Montes para se tornar assimilado e prover o sustento de sua família, acontece o nascimento do terceiro filho de Delfina, agora uma criança mulata, a personagem compreende que a sua esposa o traiu com um homem branco e não aceitando essa situação, vai embora. E só muitos anos depois, quando descobre que sua amada está sozinha novamente é que ele consegue perdoá-la e se reconcilia com ela.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante a análise observou-se que esse romance traz em sua construção, a presença da tradição oral marcada nos momentos em que as personagens buscam por soluções para situações que causam desconforto coletivo ou quando tentam explicar a origem das coisas. E também apresentam personagens que adotam o pensamento do colonizador e de certo modo, tentam apagar sua própria identidade na tentativa de ascender socialmente.

Ao analisar os trabalhos que tratam da mesma temática acerca do comportamento do sujeito pós-colonial, é possível perceber o quanto esse romance de Paulina Chiziane consegue retratar esse sujeito que apresenta uma espécie de inconformidade com sua própria identidade, após compreender que a sociedade na qual vivia, não era oportunizada a ascensão social aos indivíduos que não apresentassem características de determinada etnia, ou seja, a que possuía maior dominação em detrimento das outras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É praticamente impossível pensar nos estudos pós-colônias e não aludir a importância que a história da oralidade e memória tem para a tradição africana. Questões comumente a gênero, classe e raça, também constituem o panorama da formação das identidades ocidentais.

A história da África, muito vinculada à palavra e, principalmente a seu uso, exerce forte influência na cultura africana, tendo em vista que, a palavra tem grande poder de ação, inclusive nas decisões mais centrais à vida do homem. Sendo muitas vezes creditada, como Bâ (2010), “um instrumento de forças sagradas e divinas”.

E mesmo em culturas contemporâneas, onde predomina a validação da palavra escrita, não se pode negar o papel dos grandes oradores, como àqueles dotados de saberes e que, são responsáveis pela difusão do conhecimento e da “verdade”. E, pode-se dizer assim, que na tradição africana, a fala, insere o homem num contexto de aproximação com o poder criador. Por isso, que a mentira representa a desvalorização de seu caráter, tendo em vista que, mentir é romper com os rituais divinos.

O que se pode notar em *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, são os vestígios da tradição oral presentificados, por exemplo, na figura da mulher do régulo, a contadora de histórias, apaziguadora de situações e que leva os ensinamentos adquiridos ao longo de sua vida à sua comunidade. Identifica-se também, o processo violento da colonização, na (de)formação da identidade de seres como Delfina, que não aceita a sua condição de mulher negra e usa tudo e todos a sua volta para conseguir o que deseja, incluindo os seus filhos negros (desfavorecidos pela cor da pele), principalmente Maria das Dores e os mulatos (favorecidos pela cor da pele). Ela é, o reflexo do que se pode chamar de sujeito pós-colonial, tendo em vista que a forma como ela é construída reflete na crise da identidade.

Os estudos acerca da pós-colonialidade permitiram enxergar o contraponto entre o lugar do colonizado e do colonizador na obra. O que deixa transparecer, é que a predominância do colonialismo, em meio a montanhosa avalanche de transformações deixadas nas relações entre os indivíduos, ainda persiste na vida dos personagens, acercando-os uma ideia de identidade soberana de homem, ao mesmo tempo, criando fissuras no ideal de sujeito.

A esse ser, pós-colonial, lhe é negado o direito de desfrutar da sua existência, da sua nacionalidade. Ele não pertence a lugar nenhum. Não tem direito a exigir, a pedir. Tem a sua identidade apagada.

## REFERÊNCIAS



BHABHA, H. K. O pós-colonial e o pós-moderno: a questão da agência. In: \_\_\_\_ **O local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reia e Gláucia Renata Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BINJA, E. B. Tradição Oral em África: Valores, Movimento e Resistência. **III Seminário Nacional de Sociologia - Distopias dos Extremos: Sociologias Necessárias**. 08 a 16 de Outubro de 2020 - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. Disponível em <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13866/2/TradicaoOralAfrica.pdf> . Acessado em 10 de julho de 2021.

CHIZIANE, P.. **O alegre canto da perdiz**. – Porto Alegre: Dublinense, 2018. 336 p.; 19 cm.

DUARTE, Z. Estudos de Sociologia. **Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**. 2012. v. 15. n. 2, p. 181 – 189. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235328> . Acessado em 21 julho de 2021.

HALL, S. Quando foi o pós-colonialismo? Pensando no limite. In: \_\_\_\_ **Da diápora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

**História Geral da África, I: Metodologia e pré África**/ editado por Josph Ki/Zerbo. -2 ed. Ver.-Brasília: UNESCO,2010. 922 p. A. Hampaté Bâ. A tradição viva. Cap. 8. 167-212.

MEMMI, A.. **Retrato do colonizado precedido pelo Retrato do colonizador.**; Prefácio de Jean Paul-Sartre. Tradução de Marcelo Jacques de Mores, - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MENDES, A. de M.; CIARLINI, D. C. B. O pós-colonialismo em O alegre Canto da perdiz, de Paulina Chiziane: pontos convergentes. **Contexto** (ISSN 2358-9566). Vitória, n.26,2014/2. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/contexto/article/view/8723> . Acessado em 29 de julho de 2021.

MONTENEGRO, A. T. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 6ª ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

SILVÉRIO, V. R. **Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX** / coordenação de Valter Robério Silvério e autoria de Maria Corina Rocha e Muryatan Santana Barbosa. - Brasília: UNESCO, MEC UFScar, 2013. 784 p.